

ORACÃO

GRATULATORIA,

CONSAGRADA

A CHRISTO JESUS

CRUCIFICADO,

Pela melhora

DO SERENISSIMO SENHOR INFANTE DE PORTUGAL

D. ANTONIO

ORATIO
IN
FESTIVITATE

ORATIO
GRATIA

A CHRISTO
IN

ORATIO
IN

ORATIO
IN

2
O R A C A O

GRATULATORIA

CONSAGRADA

A CHRISTO JESUS

CRUCIFICADO,

APPLAUDIDO NA SUA MILAGROSA IMAGEM,
fita na Igreja Parochial de San-Tiago da Villa de

Torres Novas :

EM DIA DE SAM JOAM GUALBERTO.

Pela melhora

DO SERENISSIMO SENHOR INFANTE DE PORTUGAL

D. ANTONIO

DICE-A O M. R. P. MESTRE

Fr. MANOEL DA SYLVEIRA,

Religioso da Ordem dos Prégadores, Doutor na Sagrada Theologia
pela Universidade de Coimbra, Qualificador do Santo Officio,

Lente de Prima, e Regente dos Estudos do seu Real

Convento da Batalha.

O F F E R E C I D A

AO MESMO SERENISSIMO SENHOR.

P O R

JOAM FREYRE GAMEYRO SOTTOMAYOR;

*Cavalleiro Professo na Ordem de Christo, e Capitão Mór da dita Villa, Su-
perintendente das Coudelarias, e Proprietario do Officio de*

Escrivaõ da Camara da mesma Villa.

LISBOA OCCIDENTAL,

Na Officina da Musica, e da Sagrada Religiaõ de Malta, debaixo da
protecção dos Patriarchas Saõ Domingos, e Saõ Francisco.

perfeito , que cabalmente desempenha
aquellas Regias obrigaçoens , em que o
constituirão o Ceo , e a natureza , tem
sem duvida os coraçõens para estes bem
nascidos desejos em hum Principe tão be-
nemerito motivos duplicados. Singulari-
zou Vossa Alteza em mim este univer-
sal empenho de todo o Reyno , quando por
especialissima dignação da sua Real Gran-
deza me concedeo a merce de ser Padri-
nho de dous filhõs meus ; (talvez para
que não nascesse logo congenita no mesmo
berço a inveja de hum á ventura de ou-
tro) segurando-lhes com esta honra os
mais altos mimos da fortuna , quando
para seu feliz Oróscopo nas primeiras
Auroras da vida logravaõ de tão Regio ,
e Esclarecido Sol o propicio Aspecto : e
vinculadas estas razoens da minha parti-
cular obrigação ás da minha geral fide-
lidade , fizeraõ nõ meu coração mais ve-
hemente o impulso , com que apenas ti-
ve a infausta noticia da perigosa enfer-
midade de Vossa Alteza , recorri com Fé
viva

viva á Milagrosa Imagem do Senhor
JESUS de San-Tiago desta Villa, conhe-
cido Propiciatorio a semelhantes affliçoens;
pedindo-lhe com intimos suspiros d'alma a
conservação da importante vida de Vossa
Alteza, julgando infallivel o beneficio,
tanto que animey o voto; porque asi-
ançava na dignissima Pessoa de Vossa Al-
teza para o despacho aquelle merecimen-
to, que em mim não reconhecia.

Restituido Vossa Alteza venturosa-
mente à desejada saude, me pareceo
devido desempenho da gratidaõ render as
graças com Acção publica ao mesmo Au-
thor da maravilha; e sendo hum dos a-
gradecidos cultos, que offereci, o Ser-
maõ, que ao mesmo Senhor se consagrou,
o dey ao prelo, dignificando-o mais que
o estylo o seu Alto Assumpto: aspiran-
do por este meyo, a que não ficasse reduzi-
do a hum só acto, e a hum só dia o
meu contentamento; antes communicado
a artificios da Imprensa na multiplicida-
de das copias a toda a successaõ dos Secu-
los

los o meu jubilo , ficasse deste modo im-
mortal no Orbe o meu respeitoso affecto.
Os gemidos dos coraçoes no perigo de Vos-
sa Alteza deraõ a este papel a ventura
de nascer com os olhos na sua Augusta
Pessoa ; agora pelos gemidos do prelo o le-
va o mesmo destino a pertender melhor vi-
da na protecção do Real Nome de Vossa
Alteza , a quem se dedica. Digne-se
Vossa Alteza de mandar ler nelle mais os
affectos , que os periodos ; que eu vivo
certo , de que sendo aquelles a mais fiel,
e genuina construição dos seus caractéres ;
merecerão a Vossa Alteza taõ Regio am-
paro , que achem no Mundo todo dissi-
mulo da Oração os defeitos , como do meu
obsequio os arrojós. Guarde o Ceo a Real
Pessoa de Vossa Alteza por dilatados an-
nos , como lhe deseja , e supplica.

João Freyre Gameyro Sottomayor.



L I C E N C I A S Do Santo Officio.

APPROVACAM DO M. R. P. M. Fr. ANTONIO de Santa Maria, Lente Jubilado, Qualificador do S: Officio, Examinador das tres Ordens Militares, e do Priorado do Crato, Prior Actual em o Convento de N. Senhora da Boa-Hora dos Agostinhos Descalços de Lisboa Occidental.

EMINENTISSIMO, E REVERENDISSIMO SENHOR:

H Uma açcaõ Gratulatoria consagrada a Christo Crucificado pela recuperaçaõ da saude do Serenissimo Senhor Infante D. Antonio naõ pedia menor Oração, do que o M. R. P. M. Doutor Fr. Manoel da Sylveira. Saõ as virtudes heroicas daquelle Grande Principe o Imã attractivo dos coraçoes Portuguezes: saõ as prendas deste egregio Panegyrista o assombro dos mayores sabios: attrahem as virtudes reconciliando amor: assombraõ as prendas motivando admiracões: o amor fez proromper em ardentés votos, quando se temia a mais fatal desgraça: a eleição soube etcolher, quem eloquente como elle só, dempenhasse cabalmente o Sacrificio: desejavaõ todos de tua Al...

teza ; e principalmente eu , que sou mais que todos obriga-
do, sacrificarem as vidas, para que se conservasse huma, com
que tantos se animaõ, e respiraõ. Respiráraõ as almas; porque
os braços omnipotentes de Jesus Christo já suspenderaõ da
Parca os golpes , já quebráraõ da morte a fouce, sem que po-
desse a impia Libitina, assim como conculca as cabanas, pizar
os tronos. Animou toda esta felicidade Oraçaõ taõ polida ,
como elevada ; com tantos tropos , figuras , erudiçaõ sagra-
da, e profana , que se foraõ possiveis transmigraçoens , crera-
se sem vacilar , que os Ciceros , e os Demosthenes , os Agos-
tinhos , e os Chrysoftomos fallavaõ com aquella Lingua de
prata por aquella boca de ouro. Na minha dou hum , e
muitos pontos, para q̃ naõ seja a penna lingua, que se dislize
em hyperboles , que se precipite em exageraçoens. Sem
nenhuma posso afirmar , que nesta Gratulatoria Oraçaõ tu-
ã he puro na Fé , e utilissimo aos bons costumes ; digna
de se immortalizar no prelo para linitivo da dôr, padraõ do ju-
bilo , e eterno monumento da gratidaõ. Vossa Eminencia
Reverendissima mandarã, o que fôr servido. Lisboa Occiden-
tal , Convento da Boa-Hora dos Agostinhos Descalços 14.
de Agosto de 1739.

Fr. Antonio de Santa Maria

Vista a informaçã, pôde-se imprimir o Sermaõ, de que
se trata , e depois de impresso tornará para se conferir,
e dar licença que corra ; sem a qual naõ correrã. Lisboa Oc-
cidental 18 de Agosto de 1739.

Fr. R. de Alancastro. Silva. Soares. Abreu

Do Ordinario.

O Mestre Fr. Jacintho de S. Joze Doutor na Universidade de Coimbra, e primeiro Definidor da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, &c.

E Sta Oraçaõ Gratulatoria, que v.m. me remeteu para censurar, certamente me parece digna de todo o applauso, e louvor; assim pelo Augustissimo Assumpto, a que se dirigio, como pelo eloquentissimo Orador, que a recitou. O assumpto soy render a Deos as graças pela milagrosa faude do Serenissimo Infante o Senhor D. Antonio, cuja enfermidade causou nos coraçõs de todo Portugal huma taõ grande dôr, e sentimento, que todos se consideravaõ mortalmente afflictos, temendo que a inhumana Parca descarregasse sobre esta Regia Flor o seu golpe. Taõ alto dominio tem conleguido sobre os coraçõs Portuguezes as heroicas virtudes deste a todas as luzes grande, e perfeito Principe, que apenas se ouviraõ os tristes eccos da sua perigosa molestia, quando logo com reverentes votos clamaraõ todos ao Ceo implorando a faude de Sua Alteza. Inclinou-se em fim o Ceo aos nossos rogos; e he muito justo, que para gloria de Deos se eternizem no bronze da estampa os nossos agradecimentos. Estes, e muitos, que já se deraõ ao prelo, escreve na presente Oraçaõ com penna de ouro, tendo-os já recitado com voz de prata o Orador mais eloquente da Sagrada Religiaõ Dominicana; e he taõ grande o engenho, e erudiçaõ, com que discorre, que bẽm lhe posso applicar sem lisonja, o que de Licensio escrev eo o meu Grande Agostinho na Epistola trinta e nove: *Accepisti a Deo ingenium (spiritualiter aureum, inde ingenii tui humanitati confusus, pleniora, atque maiora in te spero elaborata, quam elaborasti,* e assim me parece dignissima de se estampar esta Oraçaõ

Gratulatoria. V. m. mandarã, o que fôr servido. Convento de N. S. da Graça de Lisboa Oriental aos 22 de Agosto de 1739.

Fr. Jacintho de S. Jozé.

PO'de-se imprimir, e impresso tornarã para se conferir, e dar licença. Lisboa Oriental, e de Agosto 26 de 1739.

Cunha.

Do Paço.

CENSURA DO M. R. P. Fr. MANOEL DE S.

Damaso Prégador jubilado, Consultor da Bulla da Cruzada, Academico da Academia Real, Padre da Custodia de San-Tiago Menor da Ilha da Madeira, e do Seminario de Varatojo, Excustodio da Santa Provincia de Portugal, Bibliothecario do Real Convento de São Francisco da Cidade, &c.

S E N H O R!

OSceptro do Imperio Lusitano, que a Providencia do Altissimo, para norma dos Principes Christãos, para affombro do Mundo Catholico, e politico, para esplendor dos Reys de Portugal, e para gloria dos Vassallos Portuguezes, deu a Vossa Magestade; e que a efficacia dos nossos votos por Nestorios annos ha de sustentar em taõ magnanimo, como poderoso braço: o admiramos tambem, pela mesma altissima Providencia, conferido ao Serenissimo Senhor Infante D. Antonio. Naõ no dominio das pessoas, sim
na

na dominaçãõ dos affectos. Pois este p̄rẽgrino Infante com a sua innata docilidade, Regia benevolencia; e munifica piedade, forte; e suavemente attrahe, e domina os coraçõens Lusitanos desde o sublime Solio atõ o mais humilde Tugurio. E porisso na sua perigola enfermidade vimos todo o Paço conturbado, todo o Reyno afflicto, repetindo preces, multiplicando votos a Deos, e aos seus Santos, pela recuperaçãõ da sua desejada faude, e conservaçãõ da sua estimavel vida. Conteguido felizmente o despacho, cheyos já de alegria, e de jubilo aquelles amantes coraçõens afflictos, attestaõ as iteradas Oraçoens Gratulatorias, que em reiteradas açõens de graças agradecem ao Ceo o Divino beneficio. Na açãõ de graças, que os fidelissimos criados do noslo Serenissimo Infante dedicaraõ á Senhora das Necessidades desta Corte, (e de que foy Orador o P. Fr. Manoel Rodriguez, filho do meu Serafico Padre S. Francisco, bem conhecido nella com talento, noticia, e elegancia proporcionada para taõ Regios desempenhos) satisfzeraõ aos amantes, e internecidos votos do Paço: e aos affectuosos, e fieis votos do Reyno, satisfz Joaõ Freyre Gameyro Soutto Mayor, Capitaõ Mor da Villa de Torres Novas, na Açãõ de Graças, que confagrou ao Senhor Jesus Crucificado da Igreja de San-Tiago da mesma Villa. Cujõ obsequioto agradecimento, reverente culto; e Magestoso fasto, expoem com facunda erudiçãõ, e elogã com magistral eloquencia a presente Oraçãõ Gratulatoria: Disse a o P. M. Doutor Fr. Manoel da Sylveira Religiofo de meu Grande Patriarcha S. Domingos; (porque nos festivos applausos da faude do noslo amado Infante naõ saltasse o fraternal concurso das duas inseparaveis Familias, Cherubica, e Serafica, as mais empenhadas nas prosperidades dos seus naturaes Principes.) Elegeo este a todas as luzes grande Orador, por empreza da sua formalissima Oraçãõ Gratulatoria; mostrar, que offerecido o voto pelo generoso Vassallo a Jesus Crucificado, era infallivel o remedio da faude na enfermidade do nõslo adorado Infante. Da sua nova, e singular empreza tomou por fundamento a Divina promessa, *Respi-*
ciam;

ciam, & videbo; que no Campo de Ourique fez o mesmo Senhor ao primeiro Fundador do Reyno Lusitano, quando nelle estabeleceo o seu Imperio, dando-lhe por Armas as Quinas, em cumprimento da sua ultima vontade, com que na Cruz o havia nomeado, instituido, e adoptado em Reyno proprio das suas Chagas. No *respiciam* funda os affectuosos empenhos do Crucificado na conservaçaõ da sua Coroa na linha recta do Regio Tronco Lusitano: no *videbo* cimenta os empenhados disvellos, com que o Crucifixo defende dos malignos, e mortaes golpes das infirmitades, aos Ramos da propria, e florente Real Arvore Portugueza. Hum, e outro empenho do Divino Libertador da Lusitania, desempenha o P. M. Doutor Fr. Manoel da Sylveira com taõ rara formalidade, vasta noticia, e consumada literatura, que na sublimidade do estylo, na agudeza dos pensamentos, na subtileza das provas, na magestade das expressoens, e no ornato da eloquencia, em nada degenera esta sua Oraçaõ Gratulatoria das Famigeradas Oraçoens dos Vieyras, dos Baroẽs, dos Soledades, e dos mais afamados Oradores, que com o exercicio desta difficultosa arte tem illustrado, e engrandecido a nossa Naçaõ Portugueza. E para que a todas as Naçoẽs do Universo se faça constante nesta absoluta, e completamente perfeita Oraçaõ, que a eloquencia Oratoria nunca declinou na Lusitania com a successaõ dos seculos, mas que no seu successivo decurso se conservou sempre na idade de ouro; e que no feliz Reynado de Vossa Magestade se conserva mais a crisolada, do que no de Augusto em Roma: finalmente, para que nella registem, contemplem, e admirem aquelle dourado vinculo de amor, interrupto em todas as idades, e inimitavel a todas as gentes, que vive immortal no peito dos Portuguezes, sempre activo, e inflamado em sollicitar a conservaçaõ da saude; e a duraçaõ da vida dos seus Principes, e dos seus Soberanos: julgo, que de justiça deve Vossa Magestade conceder a licença, que para a imprimir pede este taõ amante, como generoso Vassallo. Maxime; naõ contendo cousa contra as prudentes determinaçoens, e

Catholicas

Catholicas Leys de Vossa Magestade: Este o meu parecer.
Vossa Magestade mandará, o que fôr servido: Neste Real
Convento de S. Francisco da Cidade de Lisboa Occidental
31 de Agosto de 1739.

Fr. Manoel de S. Damaso:

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Offi:
cio, e Ordinario, e depois de impresso tornará à Me:
za para se conferir, e dar licença, que sem isto não correrá.
Lisboa Occidental 2 de Setembro de 1739.

Pereira. Teixeira. Cardeal. Costa. Coelho.

DO SANTO OFFICIO.

Visto estar conforme com o original, póde correr. Lisboa Occidental 25 de Setembro de 1739.

*Fr. R. de Alancastre. Teixeira. Sylva:
Soares. Abreu.*

DO ORDINARIO:

Visto estar conforme; póde correr. Lisboa Oriental, e de Setembro 27 de 1739.

Cunha.

DO PAÇO.

Que possa correr. Lisboa Occidental 25 de Setembro de 1739.

Pereira. Vaz de Carvalho.



*Ut sitis Filij Patris vestri , qui in caelis
est , qui solem suum oriri facit super bo-
nos , & malos. Math. 5.*



RESPIRA , ò Portugal , res-
pira do teu justificado susto;
que ainda devem as tuas affli-
çoens cuidadosos empenhos
ao teu Libertador primeiro. Parece , que
aqui podia já suspenderse de todo a mi-
nha penna , se nesta proposiçaõ sòmen-
te expliquey o sagrado motivo do pre-
sente culto , e aquelle nobre incendio ,
que enche de reverentes fumos os alta-
res deste Templo ; e por naõ dizer já
menos , justo fora , que naõ dissesse já
mais. Porém como nas taboas do voto
sahe melhor a valentia do beneficio á
vista das escuras sombras da desgraça ,
seja-me licito dibuxar os escuros da affli-

ção, para fahirem mais vivos os claros da liberdade.

Mal enxutas ainda as lagrimas de huma perda, ameaçava a Portugal segundo golpe. De hoje a oito dias, na Dominga terceira de Julho, contará a nossa saudade tres annos, (se he, que não tem a duração das penas mais dilatado algarismo na Arithmetica dos seculos) que infeliz nuncio, e correyo infausito divulgou em Portugal a inconsolavel perda, que lhe occasionou o intempestivo, insperado golpe, que a fouce da inexoravel Parca descarregou na melhor Flor da Lusitania, a Serenissima Sen'hora Infanta Dona Francisca, cuja lastimosa tragedia ainda hoje está fallando aos nossos corações para huma perenne magoa, cuja memoria terna será sempre Real em demandar os nossos olhos pelo tributo de hum incessante pranto. E quando ainda nos olhos de todo o Reyno estavaõ mal enxutas taõ bem merecidas lagrimas, chegou (oh fórte dura !) o triste informe, de que se achava Portugal ameaçado de nova, e igualmente sensível perda

perda, na perigosa mortal enfermidade do Serenissimo Senhor Infante Dom Antonio, dignissimo Irmao daquelle Real Prenda, que choravamos defunta; e Principe tao amavel, que sem os affectados hyperboles da lisonja, parece quiz a natureza refarcirle no universal dominio dos coragoens do Reyno aquella Magestade, que nao pode darlhe na jurisdicão da Coroa.

Ora suspende, ò Parca, o teu tyranno golpe, em quanto te exponho a justa afflicção do nosso Reyno! Basta, que nem huma só respiração permittes a Portugal entre pena, e pena? Basta, que só de Enthymemas de sentir se hade compor todo o discurso, ou decurso do seu penar; pois não constando mais, que de dôr antecedente, e dôr consequente a lastimosa figura do seu tormento; não consentes, que a sua magoa acerte com premissa, que possa ser menor no argumento do seu padecer? Ainda as lagrimas, que verteo a primeira dôr, não estão bem congeladas nos olhos, e já se dispoem para liquidallas novamente o ardente pranto, que

derramarà sem duvida a dôr segunda? Se por veres taó colmado de tantos, e taó florentes Ramos ao nosso Real Tronco, não temes, ò morte, descarregar nelle com repetição tanta a tua cortadora fouce; como quem sabe, que a Regia Arvore das Portuguezas Coroas, a desempenhos da Divina palavra, tem verdadeira aquella fecundidade, que sonhou o Poeta na outra de vegetante mentido ouro, (1) na qual o golpe de hum Ramo era presagio ditolo de outro semelhante renacido: *Unô avulsô, non deficit alter Aureus*; bem podias advertir, que nem por isso deixa de chorar a lastimada vide, por mais que lhe dê na vara o golpe a esperança de mayor fecundidade. Mas já sey, que para ser mayor de Portugal o tormento queres, que sem interrupção nos motivos sinta da tua sem razão taó repetidos golpes, e que ainda mal convalecido de huma dôr passe a sentir o ameaço de outra dôr.

Para o Ceo encarecer a dôr daquelle Synonimo do penar, o Pacientissimo Job, não descreveo tanto a intenção

(1) *Unô avulsô, non deficit alter Aureus, & simili fronte deficit virga metallo. Virgil. Aineyd.*

renção da pena , que sentia , quanto a
naõ interrompida successão dos motivos ,
porque chorava. Ainda os ouvidos do
Santo Joh naõ estavaõ bem informados
do primeiro estrago : *Nuntius venit* ,
quando, diz o sagrado Texto , se lhe en-
chiaõ de novos tristes informes os seus
ouvidos : *Et cum adhuc loqueretur , ve-
nit alter* : ainda o pranto das primei-
ras perdas estava correndo pelas suas fa-
ces , e já se lhe enchiaõ novamente os
olhos de agoa para chorar novos infor-
tunios : *Illo adhuc loquente , venit alius ...*
adhuc ille loquebatur , & ecce alius in-
travit. De sorte , que o estado mais in-
feliz , a que se via reduzido o penante
Job , naõ consistia tanto , em que tan-
to mal passasse por elle , quanto , em que
sem passar ainda bem , ou ainda mal ,
por elle o mal primeiro , se visse o seu
afflicto coração ameaçado do mal segun-
do : *Illo adhuc loquente , venit alius. Ad-*
huc ille loquebatur , & ecce alius intra-
vit. Assim penalizado o innocente Job,
e assim afflicto o nosso Portugal ! Job,
porque sem interrupção na dôr passava
da perda de seus bens a chorar a perda
de

Job. 1.
vers. 14.
16.

vers. 17.
18.

de seus filhos : Portugal , porque sem parenthesis na pena passava da dôr de huma Infanta morta a sentir a magoa de hum Infante moribundo , ambos Reaes Penhores do seu cordeal affecto. E se esta continua successão de penas fez incomparavel no Mundo o tormento do Santo Job , porque não faria excessiva de Portugal a afflicção huma tal alternativa de pezares ? *Illo adhuc loquente , venit alius. Adhuc ille loquebatur , & ecce alius intravit.*

Mas graças immortais vos sejaõ dadas , Clementissimo Deos, e Senhor Crucificado , que ainda as affliçoens de Portugal vos devem aquelles mesmos empenhos , que vos mereceo nas mantilhas ! Aonde , Senhor , havia de achar o nosso afflicto Reyno o seu remedio , senão em vós , em quem teve sempre seguro o seu patrocínio ? Uniraõ-se em hum só leal coração os affectos de todo o Reyno , (baste dizello assim , para que se conheça a grande esfera deste coração) e consultando comsigo mesmo o remedio a tanto mal , se resolveo em fim a tomar nas azas de hum devoto

devoto pensamento ao nosso enfermo Infante , e com huma viva Fé offerecello àquelle Senhor Crucificado : e mandando noticiar a sua Alteza o seu ardente voto , apenas deu o Serenissimo Infante o seu consentimento , approvando o amante recurso , que em seu nome fizera àquelle Senhor hum taõ fiel Vassallo , quando de repente , e contra a esperança da Medicina , (assim o certificáraõ os seus Cameristas) principiou Portugal a convalecer do seu susto nas conhecidas , evidentes melhoras do seu Infante. Protesto aqui , que adoro reverente os Sagrados Apostolicos Decretos , e que naõ intento acclamar por milagres aquellas obras , que a Igreja naõ tem approvado por prodigios. Fallo nos termos de huma pia , e puramente humana credibilidade , ainda quando vejo neste effeito circumstancias taes , que parece excedem a natureza. Este he o nobre motivo , que hoje faz arder nos altares daquelle Senhor solemne sacrificio , o que neste generoso coração se encendeo amante voto ; e este com muita semelhança o successo,

fo , a que já o mesmo Senhor Crucificado tinha lançado os riscos no tempo de São João Gualberto , cuja memoria celebra hoje a Igreja nos seus Fastos.

Para vingar em huma festa seira Santa a injusta morte de Ugo , seu irmão , desembainhava Gualberto , antes de ser Santo , a espada , para a embainhar no peito do seu iniquo fraticida : e vendo-se este inevitavelmente ameaçado da morte , sórma dos braços huma Cruz sobre o peito , lança-se humilde aos pés de Gualberto , e pede-lhe , que lhe perdoe a morte por aquella Cruz , em que naquelle dia tinha dado a vida o Author della. Muda-se de repente o furor em afago , a ira em clemencia , larga Gualberto da mão a espada , abre os braços , e levantando nelles ao seu prostrado inimigo , não só lhe deixou a vida em attenção a Christo Crucificado , mas dahi em diante tratou ao homicida com tanto affecto , que chegou a suspeitar o seu coração , se na pessoa do matador teria resuscitado seu mesmo irmão morto :

Hofte in fratrem recepto ob reverentiam Sanctæ Crucis vitam ei clementer Ex ejus vit.

indulget. Acção taõ rara da Catholica piedade, que mereceo, que a Imagem do mesmo Senhor Crucificado, entrando Gualberto no templo, lhe inclinasse profundamente a cabeça em sinal de agradecimento: *Ibi adoratam Crucifixi Imaginem caput sibi flectere conspicit.* De sorte, que na occurrencia do dia, em que casualmente damos a Deos as graças pela vida prodigiosamente restituída ao nosso Serenissimo Infante, achamos ao mesmo Senhor dando as graças a hum homem por huma morte perdoada a hum Cavalheiro; mas em huma, e outra parte perdoada a morte, e restituída a vida a beneficios daquelle Senhor Crucificado: *Adoratam Crucifixi Imaginem. Ob Sanctæ Crucis reverentiam.* Agora já o Evangelho naõ pòde ser estranho ao nosso assumpto, se o applicou a Igreja ao mesmo successo.

Naõ desmereçais [dizia Christo aos Apostolos, e nelles a Gualberto) naõ desmereçais o titulo de filhos daquelle meu, e vosso Pay, que vive

nos Ceos: *Ut sitis filij Patris vestri, qui in Caelis est*; porque só este Senhor he tão benigno, que faz nascer o seu Sol dispendendo favores, e beneficios assim a bons, como a máos: *Qui solem suum oriri facit super bonos, & malos.*

(2)
Ugo,
Barrad.
Chrysof.
tom. A-
lap. &
alij.

Eu bem sey com a torrente dos Expositores a este lugar, (2) que do Sol material, que gyra na esféra, se deve entender o presente texto: porém o chamarlhe nesta occasião Sol seu: *Solem suum*, appellido, que lhe não dá em toda a Escripura, que delle falla, me levou a presumir, que era mais, que literal o sentido de Christo, e que outro sem duvida era o Sol, de que fallava o Euangelho. Sim he; (responde a Glosa Interlineal com a melhor Lyra) porque he aquelle Sol Crucificado

(3)
Malach.
4. 2.

nas suas penas, que prometteo Malachias ao Mundo, (3) em cujas azas, ou em cuja Cruz havia de vir a laude voando aos que temessem, e invocassem o seu Santissimo Nome: *Spiritualiter potest accipi Sol justitiæ; unde dicitur: Orietur vobis Sol justitiæ, & sanitas in pennis ejus.* Este he o Sol propriamente

Glos. Interl. hic.

mente

mente de Deos : *Solem suum* ; porque este he seu mesmo Filho Crucificado , que nas penas da sua Cruz como azas dispende voando o remedio , e a faude a bons , e máos : *Sanitas in pennis. Super bonos , & malos* ; ou , como verte a mesma Glosa , sobre benevolos , e malignos : *Super benevolos , & malignos* : Gloſ. ibid. tudo desempenhado em hum , e outro successo ; porque no caso presente veyo a faude voando nas azas do Sol Crucificado a hum Infante taõ benevolo , como o nosso : *Super benevolos* ; e na historia do dia foy a morte perdoada a hum maligno homicida : *Super malignos* : mas que hade ser , se este he o Sol do Euangelho , Christo JESUS Crucificado ? *Solem suum oriri facit. Sol justitie, sanitas in pennis ejus. Adoratam Crucifixi Imaginem. Ob Sanctæ Crucis reverentiam.*

Naturalizado assim no Euangelho do dia o motivo do presente culto , para que seja tambem politico o meu assumpto , assim como he Regio desta minha Oraçaõ Gratulatoria o empenho , excito a minha duvida nas mesmas circunstancias do beneficio , que reconhe-

ço. Não he crível do amor de tantos, e tão fieis Aulicos, que assistiaõ ao nosso enfermo Infante, deixassem de invocar o Ceo todo a favor do seu perigo. Que Santo adorará a nossa Fé por milagroso, a quem não inquietassem as supplicas de toda a Corte? Que votos não faria o Palacio todo, aonde he tão bem visto o nosso Serenissimo Infante? E que sendo tudo isto assim, só o devoto pensamento deste Vassallo tivesse a fortuna de acertar com o seu voto? Que apenas offerece este generoso coração àquelle Senhor Crucificado o nosso enfermo Infante, só entãõ recupere este a sua dezejada melhora? Duvida foy esta, que trouxe o meu juizo suspenso por muitos dias; até que me convenci com o pensamento, que ao principio expliquey: Que ainda as affligoens de Portugal deviaõ cuidadosos empenhos ao seu Libertador primeiro. Era Real o motivo da pena de todo o Reyno; porque era pelo perigo de hum Infante o seu susto; pois só Christo Crucificado, e ninguem mais, devia tomar por sua conta o remedio a tan-

tò mal. Não digo, que erraraõ os mais votos, que se fariaõ em todo o Reyno: digo fim, que sò o voto deste coração foy, o que melhor acertou; porque buscou às affiçoens de Portugal a liberdade naquelle Senhor, a quem Portugal deveo os primeiros empenhos, com que respirou. Em fim os empenhos de Christo, Sol Crucificado, com Portugal novamente manifestos na restauração da perdida saude do nosso Serenissimo Infante, será nesta hora toda a fadiga do meu discurso; porque este he o Sol, de que o Euangelho falla, com a saude voando nas azas da sua Cruz: *Solem suum oriri facit. Potest accipi Sol Justitiae, & sanitas in pennis ejus.*

AVE MARIA.

D I S C U R S O.

R Espirou Portugal a primeira vez afflicto a empenhos de Christo Crucificado, e era justo, que a empenhos do mesmo Senhor Crucificado respiraste tambem

tambem agora aflustado Portugal nesta segunda afflicção. Nestas duas partes, como em dous Pólos, descançará toda a fabrica do meu politico assumpto: vamos levantando o primeiro Pólo, e o trabalho deste hirá fazendo sobir juntamente o segundo. A vez primeira, que Portugal respirou afflicto a empenhos de Christo, foy sem controversia, quando no campo de Ourique lhe quiz Mahometan1 espada cortar a cabeça, ainda antes de ter Coro1, e trocarche no mesmo dia o berço em tumulo, e em mortalhas as mantilhas: prevaleceo entã o Sol Crucificado contra as Meyas Ottomanas Luas, dando a Portugal mais glorioso dia, que o que deu o Sol a Josué:

(4) Tomou Christo a seu empenho o Lusitano Imperio: *Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire*: (5) deu-lhe por Armas as suas mesmas Chagas: (cortem muito embora agudas as pennas Nacionaes por esta Honra propria, que eu sempre me lastimarey, de que se faça hum tal obsequio à inveja estranha,) deu-lhe as suas Chagas, e com ellas os cuidados, e os olhos: *Respiciam, & videbo*. Em dia de San-Tiago experimentou Portugal o seu remedio

(4)
Josué 10
14.
(5)
Ex jurã.
Alphonf.
I.

remedio a beneficios de Christo Crucificado naquella vitoria; (6) para que fosse o Mundo, que nunca San-Tiago ficava excluido da protecção do nosso Reyno: então dando a Christo Crucificado o seu dia; agora consagrando à sua Imagem o seu Templo. Aqui nasceraõ os empenhos de Christo, fazendo a Portugal Reyno seu: *Imperium mihi*; e aqui se acabáraõ de decifrar aquelles enigmaticos pensamentos, que se lhe naõ entenderaõ por muitos annos.

[6]
Faria no
seu E-
pit. part.
3. cap. 2.

Grande reparo cauzou a muitos Padres, e Sagrados Escriptores o averiguar, que teriaõ os cuidados de Christo com a Parte Occidental do Mundo; pois nas suas mais notaveis, e publicas acçoens, sempre o Occidente lhe levou os olhos! Morre Crucificado no Calvario, e observou Saõ Joaõ Damasceno, (7) que as costas lhe ficáraõ voltadas para o Oriente, e os olhos para o Occaso. Sepulta-se o seu Sacrosanto Cadaver, e advertio Adricomio, (8) que para a parte do Occidente lhe ficou a cabeça reclinada. Faz finalmente da terra a ultima despedida, e cá lhe ficaõ estampados no Oliveti os vestigios de seus sa-
grados

(7)
De fide
orthodox.

(8)
In descript. Jerusal.

grados pés, voltados para o Occaso, em final, de que aquella parte lhe levava os olhos; quando se partia. (9) Notaveis disvelllos de Christo com o Occidente! Mas digaó, o que quizerem ambiciosas as pennas da Europa, querendo cada huma para si estes affectos, e litigando por esta parcialidade de Christo, como tantas Cidades pela origem de Homero, que eu fundado nas Escripturas, e Santos Padres heide dizer, que só para a ultima Parte Occidental do Mundo; para o Reyno de Portugal se empenhavaó já entao os seus cuidados; já entao com os olhos lhe dizia, que o fazia Reyno seu, e que o tomava por seu Imperio: *Imperium mihi*; finalmente com os olhos faudosos lhe dava a ultima despedida; porque o fazello Reyno seu, tinha sido tambem a sua ultima vontade. Vamos à Escripura.

Antes de espirar Crucificado inclinou Christo a cabeça: *Inclinato capite, tradidit spiritum*: e sendo esta inclinação contra a ordem natural dos que morrem, como diz Chrylostomo, (10) os quaes primeiro espiraó, do que inclinem a cabeça: *Non post inclinatum caput spiratur, sed*

(9)

Plati

pred. 2.

Joan. 19.
30.(10)
Chry-
sost.hom. 34.
in Joan.

sed

sed post spirationem caput inclinatur, tem dando muito que entender aos Santos Padres: São tantos os pareceres, quantas as inclinações; porém entre todas he singular a do meu adorado Agostinho, ensinando, que renunciára Christo com a inclinação da cabeça o titulo de Rey de Judéa, que lhe tinhaõ posto sobre a cabeça: *Ut quod manibus non poterat, capitis inclinatione rejiceret*. E levado do mesmo pensamento Santo Epifanio disse, que fora commutar hum Reyno por outro Reyno: *Regnum pro Regno commutavit*. Eu o dissera, Senhor, que hum Reyno taõ ingrato, como o de Judéa, bem merecia huma taõ publica renuncia: *Capitis inclinatione rejiceret*. Porém supposto que foy commutação de hum Reyno por outro Reyno, qual seria o Reyno, que Christo commutou pelo de Judéa? Isso acabará de dizer o mesmo Agostinho: *Inclinato capite ad vulnera*, inclinou a cabeça para as suas chagas: *ad vulnera*. Pois tambem as chagas fazem Reyno? *Regnum pro Regno, ad vulnera*? Sim, e he o Reyno de Portugal, Reyno propriamente das chagas, porque a sua Divisa são as Quinas. Pois saiba o Mundo, diz Christo, que agora, que nos ultimos parocismos da vida estou fazendo Testa-

D. August.

D. Epiphani.

mento do que possuo, tomo por ultima vontade para mim o Reyno de Portugal: *Regnum pro Regno. Imperium mihi*: Se até agora me conheceo o Mundo Rey de Judéa, aqui renuncio este Reyno: *Capitis inclinatione rejiceret*: Quem quizer saber, para onde inclino no Occidente os meus olhos, olhe para a inclinação da minha cabeça, e aonde virem o Reyno das minhas Chagas na Parte Occidental do Mundo, saibaõ, que esse he o Reyno, que agora escolho, esse he o Imperio, a que se terminaõ os meus affectos, e os meus olhos: *Inclinato capite. Ad vulnera. Regnum pro Regno commutavit. Imperium mihi.*

Oh parcialidade de affecto do nosso Deos Crucificado para com o nosso Reyno, e como naturalizastes a Christo para Rey, e Emperador de Portugal! *Imperium mihi.* Até agora gloriava-se Judéa, de que por legitima descendencia do Tronco Real de David tinha a Christo por seu Monarcha; porém tanto que Christo Crucificado assim espirou, legitimando a Portugal por seu Imperio, perdeu Judéa o direito, que tinha para o acclamar seu Rey, e entrou Portugal na posse desta ventura: ficando desde entãõ indeciso no Mundo, que Reyno era
mais

mais natural para Christo, se o de Judéa, que por herança lhe pertencia, se o de Portugal, que por amor adoptava: *Imperium mihi*; se o de Judéa, cuja legitima lhe dava o sangue, que lhe corria pelas veias, se o de Portugal, cuja posse lhe assegurava o sangue, que lhe corria das Chagas.

Agora se entenderá hum bem notavel texto do Proféta Euangelico. Toma Isaias a sua dolorosa penna para descrever em profecia a morte do Redemptor, e principiando no Capitulo 53 a convidar as atenções a taõ incrível spectaculo: *Quis credidit auditui nostro?* Vay explicando o estado, a que o reduzirão os tormentos, desfigurando aquella formosura, em que se reviaõ os Anjos: *Vidimus eum, & non erat aspectus*: Descreve-o desprezado, e abatido, centro de afrontas, e injurias: *Despectum, & novissimum virorum*. Pinta-o tomando sobre si as nossas culpas: *Verè langores nostros ipse tulit. Vulneratus est propter iniquitates nostras*; Finalmente descreve todos os tormentos de Christo Crucificado; e quando eu esperava, que seguisse a toda esta narrativa huma lamentação taõ grande, que chegasse ao Mundo todo, por ver a hum Deos Infinito, e Immenso feito alvo de tantas penas, acho

Isaia 53:

Vers. 2.

Vers. 3.

Vers. 4.

5.

Vcrf. 8.

(11)
D. Hyc-
ron. 2.
pud A-
lap. hic.

que immediatamente rompe nesta ao parecer importuna exclamação: *Generationem ejus quis enarrabit? Quia abscisus est de terra viventium*; ou como leo Saõ Jeronymo: (11) *Quia sublata est Christi vita de terra*: agora, que assim espira Crucificado, diz o Profeta, quem poderá dizer a sua geração, ou ascendencia? *Generationem ejus, &c.*

Isai. 7.

Notavel pensamento do Profeta! Mas muito mais notavel em semelhante occasião! Pois agora, que Christo espira Crucificado entre tantas penas, *quia sublata est Christi vita*, he que acha Isaias difficuldades em dizer a sua Genealogia? *Generationem ejus quis enarrabit?* Não ha muito tempo, que o mesmo Profeta nos disse, que descendia este Senhor de huma Virgem da Casa Real de Judéa, porque florente Ramo de David: *Eccè Virgo concipiet, & pariet Filium*: Pois se nem a occasião pede geraçoens, senão lamentos, nem o Profeta ignora a sua Real Ascendencia, como agora duvida acertar com a sua Genealogia, porque assim o vé morrer, e espirar? *Generationem ejus quis enarrabit? Quia sublata est Christi vita de terra.*

Elegantemente decifrou os pensamentos do Profeta o meu Ugo Cardeal, dizendo, que como he costume gravar nas sepul-
turas

turas dos Grandes hum epitafio , em que se descreva em breve summa a sua descendencia , e proezas , olhára o Profeta para Christo morrendo Crucificado , e advertindo os pensamentos , com que espirára , se escusára de gravarlhe o epitafio na sepultura: *Consuetudo est , ut post mortem alicujus epythaphium inscribatur : quia ergò locutus est de morte , excusat se de epytaphio , quasi dicat : ego ad hoc insufficiens sum : quia generationem ejus de Virgine quis enarrabit ?* Pedia a contextura da historia , que depois de descrever o Profeta a Christo Crucificado , passasse a pena a ser cinsel , que lhe gravasse o epitafio no seu sepulcro : *Consuetudo est ; ut post mortem alicujus epytaphium inscribatur :* Porém vendo o Profeta , que Christo morrera renunciando o Reyno de Judéa , e adoptando o Reyno das suas Chagas , não se atreveo a dizer , donde descendia : *Generationem ejus quis enarrabit ? excusat se de epytaphio :* Que importa (dizia elle) que por Filho de huma Virgem , descendente de David , seja natural Rey de Judéa , se estou vendo , que por disposiçoens da sua ultima vontade he Rey do Imperio das suas Chagas ? *Ad vulnera Regnum pro Regno.* Se eu lhe gravar no epitafio , que he de Judéa Rey , faço huma injuria

Ugo ad
hunc loc

juria a Portugal ; se o intitulo Rey de Portugal , farey huma descortezia à minha Patria : pois fique sem epitafio a pedra da sepultura, ou seja outro, o que lhe ponha a inscripção: *Excusat se de epythaphio* , já que assim morre Christo Crucificado com tantos affectos a Portugal : *Quia sublata est Christi vita de terra* , que ainda sendo Filho de huma Virgem , hereditaria do Reyno de Judéa, deixa indeciso o Mundo, se he de Judéa , ou de Portugal o seu hereditario Principado : *Generationem ejus quis enarrabit ? quia sublata est Christi vita. Excusat se de epythaphio , quia locutus est de morte.*

Ditofo Portugal , que só tu levastes de tal sorte os olhos , e affectos àquelle Senhor Crucificado, que se levantou a mayores com o Reyno de Judéa a tua Coroa sobre a Genealogia do mesmo Senhor ! *Generationem ejus de Virgine quis enarrabit ?* Fez o amor contigo, o que tinha feito a natureza com Judéa ; ou prevaleceo o Sangue das Chagas, que te fez seu Imperio, ao Sangue das veyas, que lhe deu aquelle Reyno : todo o direito ao Imperio se fundava no Sangue ; porém como na Cruz correo para as Chagas todo o Sangue das veyas , trouxe consigo das veyas para as Chagas a naturalidade, que ti-
nha

nha para o Imperio : *Imperium mihi*. Daqui conjecturava eu, que esta differença vay entre os Reys de Portugal, e os Reys das outras Monarquias, que elles recebem os Sceptros, e as Coroas de outros Reys, a quem succedem ; os Reys de Portugal são das mãos do mesmo Christo tomaó a investidura das Coroas, e dos Sceptros : os Monarcas dos mais Imperios são Reys, e sómente Reys ; os Monarcas de Portugal são Reys, e juntamente Vice Christos.

Agora se entenderá, (e fique por conjectura só minha) huma notavel, e pouco notada omisção dos nossos Serenissimos Monarcas, e digna do mayor reparo. He certo, que por concessão do Papa Eugenio IV. (privilegio, que já lhes tinha dado Martinho V.) tem os nossos Monarcas Portuguezes aquelle mesmo Indulto dos Reys de Israel, de serem ungidos, quando sobissem ao Throno. (12) E sendo este o mayor timbre, de que se prezaó as Flores de Liz de França, e tanto prezaraó as Reais Rosas de Inglaterra, em quanto foraó Catholicas, sempre me causou admiracão, que nunca já mais usassem os nossos Monarcas desta cerimonia, antes deixassem em perpetuo esquecimento hum taó singular Indulto. Mas se este

(12)
 Chronic.
 del Rey
 D. Du.
 arte cap.
 5. pag.
 mil. 13.

este descuido não deixa de ter origem mais alta, estou convencido, que nunca usáráo os nossos Sereníssimos Monarcas deste privilegio, porque julgáráo superflua no seu ascenso à Coroa esta diligencia. Christo, e Ungido são synonimos na Escriptura: *Christus, idest, Unctus*: (13) e como o mesmo era sobir ao Solio de Portugal, que ser Vice-Christo na terra, era superflua a cerimonia de ser ungido. Unjaó se os mais Monarcas por Apostolicos Indultos; porque o serem Vice-Christos na terra, isso he graça: mas não sejaó ungidos os Reys de Portugal; porque o serem Vice-Christos no Mundo, isso lhe vem como por natureza. Basta, que a sua primeira Cabeça Christo fosse Ungido: *Christus, idest, unctus. Unguentum in Capite*, para que com o Sceptro, que lhe entrega, venha o mesmo unguento decendo, ou o ser Vice-Christo por descendencia: *Quod descendit.*

Estes os empenhos grandes de Christo Crucificado para com o nosso Reyno, levantados neste primeiro Pólo do meu Discurso, como eterno Padraó de Portugal ditoso; e sendo estes os empenhos de Christo com a Casa Real do nosso Imperio, a quem tenaó ao mesmo Senhor Crucificado havia de

(13)
Inter-
pret.
Nom.
Hebra'c.
in tin. Bi-
bl.

Pfalm.
132

de pertencer o empenho de restaurar a fau-
de ao nosso Serenissimo Infante ? Se Portu-
gal em todas as suas affliçoens teve naquelle
Senhor o seu amparo , quem senaõ o mes-
mo Deos havia de fazer respirar nesta sua
afflicáo ao nosso Reyno ? Naõ imagine al-
guem , que só aos Ramos do Regio Lusita-
no Tronco , que por successaõ haõ-de cin-
gir a Coroa, se extendem aquellas palavrás,
Respiciam, & videbo, que Christo disse a
Portugal no seu mal primeiro ; q̄ eu me con-
venço, que tambem àquelles Reaes Ramos, a
q̄ naõ chega a herança do Sceptro , compre-
hende a benigna extensaõ daquelles olhos :
respiciam, & videbo. Ficou o *Respiciam* para a
linha Recta do Tronco, quando a esterilida-
de a quizesse consumir ; e comprehendeo o
videbo a toda a Real Arvore, quando a qual-
quer dos Ramos quizesse ameaçar o mortal
golpe. Parece, que foraõ os olhos de Christo
para Portugal taõ empenhados para o seu
bem, como os olhos daquella primeira mu-
lher do Mundo cegos para o seu mal !

Poz Eva os olhos no coroado pomo ,
que estava pendente da Arvore do Paraizo,
e diz assim o Sagrado Texto: *Vidit igitur mu-* Gen. 3.6.
lier, quod bonum esset lignum ad vescendum.
Vio Eva , que era deliciosa para o gosto a

arvore do Paraíso. Em tudo está desacertado o gosto de Eva nesta occasião! Quem vio até agora, que o tronco de huma arvore fosse, o que levasse os olhos ao appetite para comerse? O fruto sim he, o que fazonado fervo de lisonja ao gosto, e de delicia ao palato: porém o tronco da arvore, por mais que carregada de frutos, quem o desejou até agora comer, e gostar? *Bonum lignum ad vescendum?* Mas tudo isto sabem fazer os agrados de huns olhos, quando cegamente se empenhaó! *Vidit igitur mulier.* He verdade, que o desejo só se encaminhava ao coiroado fruto, que a arvore produzia; porém era tal o amor ao fruto, que até aos ramos extendeo o mesmo gosto: *Lignum ad vescendum*; porque em fim de huma arvore, cujo descendente fruto assim leva os olhos empenhados de Eva, até os ramos, de que se não espera fruto, haó de levar o mesmo agrado: fruto, ramos, e tronco tudo tem a mesma recommendação para estes olhos: *Vidit igitur mulier, quod bonum esset lignum ad vescendum.*

Naó he o Serenissimo Infante D. Antonio Ramo da Real Portugueza Caza, de quem se espere fruto para a successão do Reyno; porém como os olhos de Christo

Crucificado se empregárao com tanto affecto na descendencia dos Coroados Pomos de Portugal: *Respiciam, & videbo*, basta que seja daquella Regia Arvore hum florente Ramo, para dever àquelles Divinos olhos os mesmos empenhos. *Videbo. Vidit igitur lignum.* A sua enfermidade hade merecer a Christo Crucificado com o mesmo empenho a saude, o seu mal o mesmo remedio, e as suas afflicções igual patrocínio; porque estes são os cuidados, a que obrigaõ daquelle Senhor os empenhos, que contrahio com toda a Portugueza Real Caza por força da sua inviolavel promessa.

Teve Zacheo Principe: *Et hic Princeps erat,* Luc. 19. a ventura de Christo entrar em sua caza: *Hodiè in domo tua oportet me manere*, e diz o Texto, que hum dos felices vaticínios, que lhe assegurára, fora a saude para toda a sua caza: *Hodiè salus domui huic facta est.* Senhor daime licença para estranhar agora esta prodigalidade da vossa promessa! Muitos são, os que tem merecido os vossos favores; porèm sempre vi, que o beneficio só se fez ao necessitado. Lea-se o Sagrado Texto, e achar-te-ha o filho da Viuva de Naim resuscitado sim, mas só a elle concedida a merce; porque só elle a necessitava. A filha

do Archifinagogo, a sogra de Pedro, o criado do Centuriaõ, todos remediados, sem que a toda a caza se estendesse a promessa da faude : pois como agora a toda a caza deste Principe fica a faude em promessa a empenhos da vossa Divina palavra? *Hodie salus domui huic.* Huma caza compoem-se de Irmãos, filhos, e Esposos ; pois a todos hade chegar o beneficio, sendo só do Principe o obsequio ? Sim, e só nesta occasião.

Que na Caza deste Principe tomasse Christo posse de hum Reyno em figura, he quasi literal intelligencia do contexto, que immediatamente o explica na parabola do Reyno, que o mesmo Senhor expoem aos que murmuravaõ esta entrada : *Homo quidam nobilis abiit in Regionem longinquam accipere sibi regnum* : mas Reyno de hum Principe, cuja estatura, sendo pequena : *Statu-
râ pusillus erat*, deveo a sua extensão, e augmento à sombra daquella arvore, de que se valeo sobindo : *Ascendit in arborem sycomorum*, que na exposição de Alapide com muitos Expositores he a mesma Cruz de Christo : *Mysticè Sycomorus est Crux Christi.* Agora deixai-me perguntar ao Mundo todo, qual he o Reyno, que sendo pequeno, e bem pequeno nas demarcaçoens do seu territorio :

Ibid.
Verf.
12.

Alapid.
hic.

itorio :

ritorio: *Statuâ pusillus*, à sombra da Cruz de Christo: *Ascendit in Sycomorum. Sycomorus Crux Christi*, se tem dilatado em grande Imperio? Senão Portugal, que cabendo o seu berço em pouco restricto, arvorando nas suas Bandeiras a Cruz de Christo, e as suas Chagas, ou Quinas, para fazer sombra a seus Exercitos, e Armadas, *ascendit in sycomorum, Crux Christi*, se tem estendido a partes tão remotas no Mundo o seu Poder, que parece as não chega a divizar o mesmo Sol, que tudo vê; cujo ambito he tão desmarcado, que o mesmo Sol nasce na madrugada nos seus montes, discorre o dia todo as suas terras, e finalmente quando já cansado pela tarde se sepulta, he nos seus mares; tudo sohidas, dilatações, e augmentos devidos à sombra da Cruz, e Chagas daquelle Senhor. Pois não se admirem (diz Christo) de que a promessa da minha palavra em materias de saude comprehenda a toda a sua Caza Real: Sejaõ Principes, ou sejaõ Infantes; sejaõ Irmãos, ou sejaõ filhos; sejaõ Rainhas, ou sejaõ Monarcas, como pertençaõ à mesma Caza Real, a saude nas suas enfermidades, o remedio nas suas Reais afflições correm indivisamente por minha conta, e de ninguem mais; porque estes são

os empenhos, que lhe deixo em promessa, quando tomo posse da sua Coroa, e Real Caza. *Hodie salus domui huic facta est. Hodie in domo tua oportet me manere. Accipere sibi Regnum. Staturâ pusillus erat. Et hic Princeps. Ascendit in Sycomorum. Sycomorus Crux Christi.*

Naõ te affustes pois, ò Portugal, na perigosa enfermidade do teu Serenissimo Infante; porque naõ hade durar por mais tempo o teu susto, que aquelle, que tardar hum taõ generoso coração em recorrer com o seu voto a Christo Crucificado. Naõ cuides, que hasde ver a esse Ramo da Regia Familia Portugueza por muito tempo mortalmente cahido, estando aquella Divina promessa ainda tanto em pé. No mesmo dia: *Hodie*, em que o coração deste vassallo lembrar com o seu recurso àquelle Deos Crucificado a posse, que tomou da tua Caza Real: *Hodie in domo tua. Accipere sibi regnum*, bem podes no mesmo dia pedir alviçaras aos Reais Gabinetes de huma restaurada saude: *Hodie salus Domui huic facta est*. Por isso te segurey ao principio, que ainda as tuas afflicções deviaõ àquelle Senhor Crucificado os mesmos cuidadosos empenhos; porque ainda em ti tem empregados os seus olhos, e

com

com os olhos os affectos: *Respiciam, & videbo.*

Naõ vos canceis já, mentirofas sombras dos Poetas, em encarecerme os amores do Sol para aquelle emprego; porque mais empenhados amores vejo hoje praticados com o nosso Reyno. Para encarecerem as Historias os affectos do Sol para huma formosura, fingiraõ, que sendo o Sol Principe universal do Mundo, de tal sorte se inclinára a este objecto, que aquelles olhos, que devia ao Mundo todo, como universal Monarca delle, com hum amante roubo às mais partes, todos os empregára nesta Donzella: *Et Virgine figis in una, quos Mundo debes oculos.* (14) Mentirofa parcialidade de amor no Sol da natureza! Mas oh quanto verdadeira no Sol da Graça, Christo Crucificado! Se os olhos daquelle Senhor não fossem infinitos em ver; se os seus affectos tivessem medida em amar, bem poderiam queixarse os mais Imperios do Mundo do roubo, que lhes faziaõ os seus olhos; pois são taõ parciaes com Portugal os affectos daquelle Senhor, que sem affectação podiaõ doerte, de que os olhos, e os cuidados, que deve a todo o Mundo, como Rey Supremo do Universo, todos es tenha po-

(14)
Ovid.
Methamorphi
lib. 10.

tos no nosso Reyno : *Et Regno figis in uno*, (drey eu com licença do meiro) *Quos Mundo debes oculos*. Mas já que assim o não podem dizer os mais Imperios, digaõ, e dirão melhor, que em Portugal, como em todos os mais Reynos, poz o *respiciam*; porém sobre o *respiciam* de todos levou Portugal novos cuidados no *videbo*, como nenhum: em fim duplicadas vistas a multiplicados empenhos: *Respiciam*, & *videbo*.

Porém ainda outra circumstancia desta prodigiosa mercè, que Christo Crucificado fez ao nosso Serenissimo Infante, confirma melhor estes empenhos. Que fosse do nosso Infante o beneficio da saude, se no seu coração nacesse o voto àquelle Senhor Crucificado, assim o pedia a razaõ de huma pontual correspondencia. Sey eu, que se de David foy o beneficio: *Pro omnibus, quæ retribuit mihi*, foy porque no seu proprio coração nasceo o voto: *Vota mea Domino reddam*. Porém que seja o voto feito pelo coração deste Vassallo, e que baste isto para convalecer o seu Infante? Seria por ventura effeito do amor, que trasladando para o peito do amado a alma, e coração do amante: *Anima verius est ubi amat, quam ubi animat*, como disse Agostinho, amando

Pl. 115.

D. An-
gustin.

tanto

tanto este coração ao seu Príncipe, foy o mesmo fazer o Vassallo o voto, que fazello o mesmo Infante: *Vota mea?* Bem poderá ser; porque já não he nova esta transformação de almas, e de vontades a artificios do amor entre hum David, Capitaõ no campo, e hum Jonathas, Infante no Palacio: *Anima Jonathæ conglutinata est animæ David.* Porém a verdade he, que sendo de Christo Crucificado o empenho não era preciso, que principiasse o voto no mesmo coração, q̄ havia de receber o beneficio: seja cá em Torres o recurso, q̄ lá em Lisboa se experimentarâ logo o remedio: seja lá no Palacio a batalha perigosa da enfermidade com a vida do nosso Infante, q̄ bastará neste sitio a rogativa, para q̄ lá se cante contra o perigo a vitoria: em fim como a Christo Crucificado se faz o voto, basta que em Torres haja hum Capitaõ, que vote, que esta diligencia hade bastar, para q̄ lá na Corte o mesmo Infante convaleça.

Prepare-se a melhor Flor do Exercito, (dizia Moylés a Josué) que à manhã se hade apresentar batalha a Amalec: *Elige viros*, & *egressus pugna contra Amalec*; porque eu cá ficarey distante, e retirado no monte, e dahi contemplarey o successo da batalha: *Ego stabo in vertice collis.* Assim se fez, e no

dia seguinte foy taõ igual o valor dos combatentes , que andou a vitoria por muito tempo indecisa , indo humas vezes de vencida o exercito de Deos , e voltando outra vez quasi destroçado o seu esforço ; porque Moysés no monte se abria os braços, vencia Israel ; porèm se os deixava cahir , já se retirava vencido , e triunfava Amalec : *Cùmque levaret manus Moyses , vincebat Israel ; sin autem remisisset , superabat Amalec ;* até que resolvendo-se Moysés de todo a abrir os braços , cantou o povo de Israel a vitoria : *Fugavit Josuè Amalec , & populum ejus in ore gladij.* Pordigioso successo de batalha , e muito mais pordigiosa circumstancia de vitoria ! E que tem os braços de Moysès retirado no monte com a vitoria no campo , para que pela diligencia dos seus braços vença, ou deixe de vencer o exercito? Se Moysés he o Capitaõ do povo , acompanhe ao povo no conflicto , e lá no mesmo lugar da batalha abra os braços para o triunfo : porèm a batalha travando-se em huma parte , e o Capitaõ abrindo os braços em outra, hade bastar para se alcançar a desejada vitoria? *Ego stabo in vertice collis. Cùmque levaret manus , vincebat Israel?*

que assim o dispuzera Moysés, para que conhecesse todo Israel, que semelhante victoria só a Deos se devia attribuir, e ao seu empenho: *Ut Deo adscriberetur victoria*: e individuando mais Origenes a extensaõ dos braços de Moysés disse, que o abrir os braços era recorrer para a vitoria a Christo Crucificado: *Levat Moyses manus, quia IESUS totum Mundum in Cruce exaltatus complexurus erat.* (15.) E quando aos empenhos de Christo Crucificado se recorre pelo remedio em hum aperto: *Ut Deo adscriberetur victoria*, o final mais evidente de ser seu o beneficio, he o obrarse em huma parte o milagre, e fazerse, ou principiarse o voto em outra parte. Esteja muito embora o Capitaõ retirado na atalaya do monte: *In vertice collis*, que o recurso, que cá fizer a Christo Crucificado, lá hade hir fazer o prodigio, aonde estiver o aperto: em fim em quanto a esperança do natural valor dos Soldados tiver os braços do Capitaõ cahidos, irá o perigo crescendo: *Sin autem paululum remisisset, superabat Amalec*; mas tanto que o temor fizer, que os braços se levantem a Christo Crucificado, logo se cantará a vitoria: *Cúmque levaret manus. Christus in Cruce exaltatus. Vincebat Israel*; mas

(15)
Origen.
hom. 117
in cap.
17. &
18. Ex.
od.

vitoria, que só a esse mesmo Deos empenhado se hade attribuir: *Ut Deo adscriberetur victoria.*

Sey, que no sentido Moral entendo o mesmo Lyra por esta batalha de Israel contra Amalec aquella guerra domestica, que faz dentro no mesmo homem o appetite contra o Espirito, e a parte sensitiva contra a razaõ: *Per Amalec interpretatur caro, que pugnat contra Spiritum, qui per Israel significatur.* (16.) E com o mesmo pensamento o pudera eu applicar àquelle ardente conflicto, que fez no interior do nosso Serenissimo Infante contra os seus vitais espiritos huma maligna enfermidade. Encendeu-se taõ contumaz a contenda, que por muitos dias andou taõ duvidoso o triumpho, como valente o perigo: e em quanto a confiança nos remedios naturaes da Medicina teve os braços cahidos para o recurso àquelle Senhor Crucificado: *Sin autem paululum remisisset,* hia o mal vencendo, debilitando-se as forças, e arriscando-se a vida do nosso amado Infante: *Superabat Amalec;* mas tanto que houve Capitaõ no alto do monte, que em Torres: *In vertice collis,* estendeo os braços, recorrendo a Christo Crucificado pelo remedio: *Cum levaret manus. Christus*

(16)
Lyra in
Sens
Moral.
hic.

tus in Cruce, como o empenho de vencer tão perigosa enfermidade era do mesmo Senhor: *Ut Deo adscriberetur victoria*, basta esta diligencia, para se conseguir a laude, e para fugir repentinamente o perigo, e o mal: *Fugavit Amalec*: o voto no coração do Vassallo nesta Villa; porém o milagre no coração do nosso Serenissimo Infante là na Corte; que isto he n que succede, quando Christo Crucificado se empenha no remedio: *Ut Deo adscriberetur victoria. Cùm levaret manus. Christus in Cruce. Vincebat Israel.*

Prodigio foy este tão grande, que para ter em todo Israel eterna lembrança, mandou o mesmo Deos, que se escrevesse nos seus Cathalogs, e o celebrasse todo o Reyno com immortais applausos pela successão dos Seculos: *Scribe hoc ob monumentum in libro*: e com o mesmo pensamento celebra hoje com rendidas graças tão alto beneficio o coração deste Vassallo; para que juntando se em plausivel concurso a Nobreza do Povo, e do seu circuito, fique indelevel nas memorias de todo Portugal este grande empenho de Christo Crucificado com o nosso Serenissimo Infante. E se estes não são os seus pensamentos nesta generosa

Ibid.
vers. 14.

Acção

Acção de graças, daime a ultima attenção, que para aqui guardey o rasgo mais proprio da penna de David, em que me parece só lançou os riscos, ao que agora estaõ vendo os nossos olhos.

Toma o Real Proféta nas mãos a harpa, poem os olhos em Deos, e dilatando a vista pelos seculos futuros diz assim: *Quoniam cogitatio hominis confitebitur tibi, & reliquie cogitationis diem festum agent tibi.* Porque hade vir tempo, Senhor, em que o pensamento de hum homem: *Cogitatio hominis*; ou hum homem de altos, e sublimes pensamentos, como explica Lorino: *Cogitatio hominis accipitur pro homine cogitante sublimia*: hum homem, digo, com o seu pensamento hade recorrer a vòs: *Confitebitur tibi*; e as reliquias deste pensamento haõ de consagrar hum dia solemne, e festivo à vossa Magestade: *Et reliquie cogitationis diem festum agent tibi.* Para entaõ vos convido, (vay continuando o Proféta) a vòs, que no circuito do mesmo Senhor assistis: *Omnes, qui in circuitu ejus assertis munera*; a vòs, que nos contornos do Santuario viveis: *omnes, qui habitant in circuitu Sanctuarij*, diz outra letra: (17) a vòs finalmente os que sois circunvisinhos do terreno, em que está o mes-

mo

Psal. 75.

Lorin.
hic.

(17)
Para-
phrast. a.
pud Lorin.

mo Senhor: *circumvicinos*, traslada o Psalterio Illirico; (18) para que não falseis também em consagrar com este homem ao mesmo Deos rendidos votos: *Vovete, & reddite Domino omnes, qui in circuitu ejus affertis munera*. Mas senão sabeis, para quando vos convida este meu contentamento, adverti, que hade ser naquella occasião, em que o mesmo Senhor se tiver mostrado terrivel, e temivel, ameaçando a vida dos Principes: *Terribili & ei, qui aufert spiritum Principum. spiritus vitales Principum*, diz o mesmo Commentador; (19) e quando os seus golpes astustarem as Coroas nas cabeças dos mesmos Monarcas: *terribili apud Reges terræ*. Aqui acabou David o Psalmo, aqui largou a harpa, talvez porque já lhe não era precisa mayor consonancia para o nosso caso. Vamos glosando a letra.

Que todo este Psalmo o compuzesse David em acção de graças, he intelligencia do mesmo titulo, que lhe gravou: *In finem. In laudibus*: que na exposição do mesmo Lorino he o mesmo, que convidar ao Mundo todo para tributar a Deos rendidas graças pelo beneficio de huma liberdade: *Intelligit letitiam pro liberatione . . . hortaturquè ad tam Potenti, ac benigno Deo readendas gratias*.

(18)
Psalter.
Illir. cit.
ab eod.

(19)
Lorin.
hic.

(20)
I. orin. ad
Tit. Pl.

Verf. 2.

(21)
Ecclef.
in Offic.
Sabb.
Sanct.

Math.
15. 19.

(22)
Idem.
Lorin.

tias. (20.) Que fosse a Christo Crucificado consagrada já em vaticínio esta Acção Gratulatoria, a letra, que a Igreja tira do mesmo Psalmo, para a consagrar a Christo morto: *Factus est in pace locus ejus*; bem o dá a entender. (21) Agora a melhor alma do meu pensamento. É quando se vio aquelle Senhor mais formidavel aos Principes, ameaçando-lhes a vida propria, e aos Reys sobrefaltando-lhes as suas Coroas, senão ha pouco tempo, quando com huma mortal enfermidade reduzio aos ultimos paracitimos os espiritos vitais do nosso Infante? *Terribili, qui aufert spiritus vitales Principis*, cujo ameaço cahindo em huma tal vida, sobrefaltava tambem a Coroa do nosso Invictissimo Monarca na perda de hum tal, e tão notoriamente amado Irmaõ: *terribili apud Regem*. Mas que importa todo este terrivel ameaço da morte, se ha no coração de hum taõ amante Vassallo hum taõ devoto pensamento? *Cogitatio hominis. De corde exeunt cogitationes*, que cheyo de lusto, de cuidado, e de dôr; *cogitatio significat id, quod in mente versamus cum sollicitudine, angore, & dolore*, [22] faz hum interno voto ao mesmo Senhor pela saude do mesmo Principe: *cogitatio hominis, idest, conceptio voti consistebit ut*

bitur tibi, commentou Alcuino; (23) com (23) Alcuin. cit. ab cod.
 tanta ventura, que desapparecendo a efficacias de hum tal voto todo o nublado do perigo, e conseguindo sua Alteza a desejada faude: *Laetitiam pro liberatione*; as reliquias deste pensamento saõ, as que hoje ficaõ pendentes aos pés daquelle Senhor Crucificado: *Reliquia cogitationis, id est, redditio, & complementum voti per opus*, disse o mesmo Alcuino, neste festivo, e alegre culto, que lhe consagraõ: *diem festum agent tibi; id est, ultimas puri audij*, conclue finalmente Lorino.

Pois agora, diz David, para huma Acção de tanto gosto junte-se a Nobreza do circuito: *omnes, qui in circuitu ejus*; todos os Illustres circunvisinhos deste Santuario de Christo: *Omnes, qui habitant in circuitu Sanctuarij: Circumvicinos*, para consagrarem ao mesmo Deos Crucificado agradecidos votos: *Vovete, & reddite Domino*; porque he sem duvida da Nobreza huma generosa divida fazer plausivel o pensamento de hum tal Vassallo, ou hum Vassallo de taõ altos pensamētos, que fazendo na enfermidade do seu Infante com ancia, com dôr, e com fusto hum voto àquelle Senhor Crucificado: *cogitatio hominis; conceptio voti. con-*

fitebitur tibi, foy taõ poderoso o voto deste seu pensamento, que deixou na faude reftaurada do noſſo Infante reliquias tantas ao noſſo contentamento, que chegaõ os ſeus deſempenhos a fazer taõ alegre, plauſivel, e feſtivo a eſte dia: *Reliquiæ cogitationis, redditio, & complementum voti, diem feſtum agent tibi. Ultimas puri gaudiij.*

Generoſo coração, que parecendo ſó organizado de amor, ſervindo-lhe de Siſtolas os apertos do paſſado fuſto, e de Diaſtolas as dilataçoens do preſente goſto, tomou por ſua conta a amante circulaçaõ das chamas, e affectos para com o ſeu Principe, communicando às partes deſte circuito todo: (ſenaõ he a todo o Reyno) *Omnes, qui in circuitu*, vitais alentos nos deſmayos do ſeu fuſto! Maxima foy já do mayor Politico de Roma, Tacito, que a adoraçaõ na diſtancia era a mais commendavel fineza: *Commendatur ex longinquo reverentia.* (24) Que ame ao ſeu Principe, quem lhe aſſiſte na preſença; que o traga no coração, quem lhe poſſue os lados, divida he da privança; que ſempre deixa eſcrupulos de liſonja: porém que de longe ſe ame o Soberano; que ſem o ſopro do intereſſe, e do valimento ſe ateye no coração a chama do carinho ao ſeu Infante,

he

(24)
Tacit. in
Annal.

he sem duvida recommendação do culto: *Commendatur ex longinquo*. Que sigaõ, e adorem ão Sol os Astros, que lhe assistem visinhos na esféra, he reconhecimento, que deu a natureza congenito às estrellas: *Solemquæ suum sua sydera norunt*; (25) porém que cá na terra, distante da Ecliptica, haja huma Nobre Planta taõ affectuosa com o Sol, que agonize de pena, quando o Sol acaba a sua carreira, he milagre do amor em hum Eliotropio: *Helyotropij miraculum sapius diximus*. (26.) Sobresaltem-se muito embora os coraçõens dos Familiares do nosso Serenissimo Infante, quando o viraõ quasi nos ultimos paracismos; porém conheçaõ, que senão o isto muito, não he o mais; porque em fim saõ Astros, que se eclypsaõ; porque o Sol, a quem devem o luzimento, lhes vay faltando: porém assustesse cá ao longe do Palacio o coração deste Vassallo, como Gyralol no campo, que isto he mais, que o muito; pois he da fineza para com o seu Infante o milagre: *Helyotropij miraculum*. Aos justos daquelles deveria o Principe cuidadosa assistencia na sua enfermidade; e isto he menos: porém ao sobressalto deste coração deveo a restauração da sua vida; e isto he mais. Mas assim havia de ser, se teve hum

(25)
Virgil.
Æneid.
6.

(26)
Plin. lib.
21. c. 21.

tal pensamento, que soube recorrer com o seu voto àquelle Senhor Crucificado, que a empenhos de seus affectos para com o nosso Portugal: *Volo in te Imperium mihi*, havia de trazer voando nas azas da sua Cruz, como Sol nas suas pennas, a laude ao nosso Serenissimo Infante: *Qui solem suum oriri facit. Potest accipi Sol justitiæ; unde dicitur: Orietur vobis Sol justitiæ, & sanitas in pennis ejus.*

Dá pois, ò Portugal, ao teu Libertador primeiro rendidas graças, pois não tem ainda apartado, nem já mais apartará de ti seus Divinos olhos: e gratifica também tu, o generoso coração, que valendo só por todo hum Reyno nos affectos, ao Reyno todo assim valeses nos teus votos, gratifica ao mesmo Senhor Crucificado clemencia tanta; e se te não achas com todo o ouro de Ofir para lhe offerecer; se te faltaó todos os incensos da Arabia, e os Nabatheos perfumes para lhe consagrar, *immola Deo sacrificium laudis, & redde Altissimo vota tua*; offerece no mesmo Deos Sacrificado, victima dos altares, o sacrificio do mayor louvor: *Sacrificium laudis*, e subaó entre os fumos deste Santuario os teus votos à presença do Altissimo, *redde Altissimo vota tua*; porque só hum Deos offerecido póde ser condigna satisfação

fatisfação a hum Deos tão empenhado. Sacrifica em solemne applauso os teus votos, que este he o Real agrado do mesmo Serenissimo Infante, cuja vida agradecemos restaurada, e cujas vozes, tiradas da boca de David em semelhante occasião, parece que estou ouvindo entre os festivos jubilos deste dia, articuladas pelo seu Regio agradecimento nesta forma:

Confitemini Domino, quoniam bonus; Pf. 117.
quoniam in seculum misericordia ejus. Day (27)
 por mim as graças, (que isso quer dizer *con-* Confite-
firmemini na penna de Chrylostomo.) (27.) or idem
 Day por mim as graças a Christo Crucifica- vale, quod
 do, Illustres Vassallos deste Reyno; pois foy Gratias
 comigo tão piedoso: *quoniam bonus*, que ha- ago.
 de chegar a todos os Seculos no meu agra- Chry-
 decimento a sua misericordia: *Quoniam in* lost.
seculum misericordia ejus. As forças, com hom 39.
 que me acho depois de huma tão perigosa in Math.
 enfermidade, o mesmo Deos, a quem ago-
 ra se termina o meu louvor, mas concedeo:
Fortitudo, & laus mea Dominus; porque to-
 do elle nas azas da sua Cruz se converteo
 em laude para me favorecer: *Et factus est*
mibi in salutem. A mão do mesmo Senhor
 poz a efficacia: *Dextera Domini fecit virtu-*
tem; e elle foy, o que me deo a mão para me
 levantar

levantar do leito, em que estava moribundo: *Dextera Domini exaltavit me*. Logo que eu soube, que pelo voto de hum tal Vassallo tinha ao mesmo Senhor empenhado em meu auxilio, logo disse aos meus pensamentos com viva fé, que não morria: *Non moriar, sed vivam*; e que ainda me haviaõ de ficar alentos, para serem clarins fonnoros dos seus milagres: *Narrabo opera Domini*. Foy a minha enfermidade castigo de hum Pay para hum filho: *Castigans castigavit me Dominus*; mas bemdita seja a sua immensa Piedade, que não foy o golpe taõ severo, que me entregasse a vida nas garras da morte: *Morti non tradidit me*.

Ora se hum Senhor taõ amante obrou em mim huma maravilha tal, que deixou em admiração os olhos de todo o Reyno: *A Domino factum est istud, mirabile in oculis nostris*, razaõ he, (e este he o meu Real agrado) que lhe consagreis hum dia festivo, e solemne, e q̄ se enchaõ de agradecidas victimas seus piedolos altares: *Constituite diem solemnem in condensis usque ad cornu altaris*. Esta he em summa a recommendação do nosso Serenissimo Infante, este o desempenho deste coração, e este o agradecimento do nosso Portugal na assistencia de taõ nobre concurso.

concurso. Sejaõ, Clementissimo Senhor, estes obsequios memoriaes de novas mercês : respire sempre Portugal nas suas affliçoens com a mesma ventura: mereça a nossa Regia Lusitana Coroa os mesmos empenhos a vossos Divinos olhos : *Respiciam, & videbo*: logre este empenhado coração vossos affectos, e todo o Reyno muita graça para vos dar por tantos, e taõ incessantes favores, perennes immortais graças por eternidades de Gloria. Amen.

F I N I S.



1845
The following is a list of the names of the
persons who have been admitted to the
membership of the Society since the
last meeting. The names are given in
the order in which they were admitted.
The names of the persons who have
been admitted to the membership of
the Society since the last meeting are
as follows:—

1845

